

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DESENVOLVIMENTO E APROPRIAÇÃO

Lívia Barbosa Pacheco Souza

Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos (NEIM UFBA), em Gênero e Sexualidade na Educação (NUCUS UFBA) e em Educação para as Relações Étnico-Raciais (UNIAFRO UNILAB) e Discente da Licenciatura Plena em Pedagogia (UNEB).

<http://lattes.cnpq.br/5978999436523962>

<https://orcid.org/0000-0002-3148-5536>

E-mail: adm.liviapacheco@gmail.com

Elizabete Essamai Manga

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

<https://orcid.org/0009-0003-2928-0421>

E-mail: essamaimangaelizabete@gmail.com

Marina Tchuda Blabam

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

<https://orcid.org/0009-0002-4834-0381>

E-mail: marinatchuda@aluno.unilab.edu.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N1-10>

RESUMO: O presente trabalho busca a compreensão do processo de alfabetização e letramento e suas relações no contexto da aprendizagem. Nesse sentido, este estudo caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica, baseada em tentativas de elucidar informações necessárias para garantir uma solução para este problema para que atingir os objetivos propostos. Ser alfabetizado é altamente valorizado na sociedade, para uma pessoa ser alfabetizada, ela precisa ter experiência cultural e prática de leitura e escrita, prática adquirida antes da educação formal. Porque se a pessoa vive em um ambiente alfabetizado, com pessoas que leem, que foi exposta a revistas, jornais, histórias em quadrinhos, qualquer coisa que lhe venha à mente a leitura, ela definitivamente terá motivação para ler e escrever, desde cedo. Sendo capaz de refletir sobre as características dos diferentes textos a que têm acesso. A investigação sobre este tema permite-nos rever a importância da alfabetização e letramento, pois a alfabetização ajuda a desenvolver a compreensão individual, aprender a ler entendendo o que você lê é construir seu próprio conhecimento, então a alfabetização é parte fundamental de quem trabalha com pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Alfabetização. Educação. Aprendizagem.

LITERACY AND LITERACY: DEVELOPMENT AND APPROPRIATION

ABSTRACT: The present work seeks to understand the process of literacy and literacy and their relations in the context of learning. In this sense, this study is characterized by a bibliographic research, based on attempts to elucidate information necessary to ensure a solution to this problem in order to achieve the proposed objectives. Being literate is highly valued in society, for a person to be literate, they need to have cultural experience and practice of reading and writing, practice acquired before formal education. Because if a person lives in a literate environment, with people who read, who has been exposed to magazines, newspapers, comic books, anything that comes to mind reading, they will

definitely have the motivation to read and write, from an early age. Being able to reflect on the characteristics of the different texts to which they have access. Research on this topic allows us to review the importance of literacy and literacy, because literacy helps to develop individual comprehension, learning to read by understanding what you read is building your own knowledge, so literacy is a fundamental part of those who work with people.

KEYWORDS: Literacy. Education. Apprenticeship.

INTRODUÇÃO

Alfabetização e letramento são processos distintos, mas inseparáveis. Alfabetização e letramento se agregam, ou melhor, a alfabetização é uma parte do letramento. Portanto, a maneira ideal de ensinar é deixar as crianças não apenas decodificando palavras, mas entenda o que lê. Para realizar esse ideal, os alfabetizadores precisam reconhecer o significado da alfabetização e letramento no ensino e aprendizagem.

Uma criança deve ser alfabetizada participando da educação nos primeiros anos da escola primária. Dependendo não só da sua idade, mas também de fatores importantes para decidir quão rápido e fácil é desenvolver habilidades de leitura e escrita, por exemplo, sua autoestima, encorajamento da família, professores, procedimentos de ensino e outros fatores.

Por isso, é importante que as crianças tenham autonomia na leitura e na escrita, porque vivem em uma sociedade culta. Além de codificar e decodificar palavras, eles devem entender o uso social da escrita. A prática social exige que os alunos se envolvam em atividades reflexivas, que por sua vez, estão a favor da evolução de suas estratégias para abordar as questões levantadas por textos.

Esta atividade é realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na posição de um parceiro-chave para agrupar os alunos à sua maneira, pensando no fluxo de informações entre eles, buscando garantir a heterogeneidade da comunidade seja um serviço de comunicação, cooperação e então, para o aprendizado em si, principalmente durante a aula onde é impossível que os professores atendam todos os alunos da mesma maneira ao mesmo tempo.

Sendo assim, o presente trabalho busca a compreensão do processo de alfabetização e letramento e suas relações no contexto da aprendizagem. Nesse sentido, este estudo caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica, baseada em tentativas de elucidar informações necessárias para garantir uma solução para este problema para que atinja os objetivos propostos.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Ser alfabetizado é altamente valorizado na sociedade (PAPEN, 2005A), onde as conceituações de alfabetização baseadas na escola geralmente dominam e a proficiência é geralmente determinada por testes padronizados e domínio de habilidades básicas, como identificação de palavras, ortografia e decodificação fonológica.

A definição de alfabetização é controversa e seu significado mudou ao longo do tempo de uma decodificação elementar de informação para uma gama de habilidades e entendimentos mais complexos e diversos (LONSDALE; MCCURRY, 2004, p. 5).

Dessa forma, pode se compreender a alfabetização como:

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

As atuais conceituações de alfabetização no campo acadêmico são geralmente distinguidas por uma visão pluralista que reconhece e aceita diferentes tradições históricas e culturais em relação à alfabetização (STREET, 2006).

É preciso ver a alfabetização como um processo de construção de suposições sobre sistema de escrita alfabética onde os alunos são obrigados a se envolver em situações desafiadoras, isso oferece uma oportunidade para refletir sobre a linguagem escrita. É por meio da interação com objetos de conhecimento que as crianças podem construir hipóteses passo a passo. Estes são os detalhes do processo de desenvolvimento das habilidades de alfabetização. Apenas interagir não é suficiente, os materiais escritos devem ter direção e sistematização, além de reflexões sobre metalinguística, partindo de textos reais em vários gêneros, disseminados na sociedade.

Assim, se torna possível pensar na alfabetização como uma construção conceitual, um processo contínuo que se desenvolve simultaneamente dentro e fora da sala de aula, em um único processo de interação, a partir da primeira exposição da criança à escrita. Tal, se entende que aprender a enfatizar a escrita de cartas não se limita ao processo de associação entre letras e sons.

A convivência diária com rótulos de embalagens, símbolos, propagandas, cartazes, nomes de ruas, placas, avisos, bilhetes, receitas, cartas fichas, jornais, revistas, livros entre outros, faz com que o sujeito se familiarize com o texto escrito e estabeleça uma série de relações, levantando hipóteses e procurando compreender o significado (SANTOS et al., 2016).

Antes mesmo do processo de aceitação do sistema de alfabetização, as pessoas vivem em ambientes específicos de leitura e escrita, isso ajuda a melhorar o processo de alfabetização.

Ferreiro e Teberosky, ao pesquisarem a psicogênese da língua escrita, revelam a maneira pela qual a criança e o adulto constroem seu sistema interpretativo para compreender esse objeto social complexo que é a escrita. Mesmo quando ainda não escrevem ou lêem da forma convencionalmente aceita como correta, já estão percorrendo um processo que os coloca mais próximos ou mais distantes da formalização da leitura e da escrita (LIRA, 2006, p. 44).

Indivíduos, independentemente da classe social, caminham em direção da linguagem escrita adequada, através da hierarquia estrutural das ideias. Esses níveis foram denominados níveis pré-silábicos por Emília Ferreiro (1999), sílaba, nível da letra da sílaba e nível da letra. As ideias da primeira criança sobre a escrita referem-se a vários pressupostos de "Reformulação" do alfabeto.

Inicialmente, as crianças encontraram que escrever não é o mesmo que pintar. Segundo Ferreiro (1999), está diferença entre pintura e escrita geralmente ocorre quando as crianças vão à escola porque estão em uma sociedade centrada nas palavras. Para Ferreiro (2001, p.9), tradicionalmente a taxa de alfabetização inicial é referente a relação entre o método usado e o estado da "maturidade" da criança.

Nesse sentido, a criança tem o tempo certo na aprendizagem, o que nos faz entender que os momentos das crianças nem sempre estão no mesmo tempo que outra criança, os níveis são relativamente diferentes porque cada criança tem seus momentos de aprendizado, dependendo da maturidade da criança.

É preciso do uso de estratégias fonológicas em crianças e adultos na fase de alfabetização (falando e escrevendo). A leitura e a escrita são estrategicamente apoiadas nesta fase. Segundo Soares citado por Morais e Albuquerque (2007, p. 47):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

Para uma pessoa ser alfabetizada, ela precisa ter experiência cultural e prática de leitura e escrita, prática adquirida antes da educação formal. Porque se a pessoa vive em um ambiente alfabetizado, com pessoas que leem, que foi exposta a revistas, jornais, histórias em quadrinhos, qualquer coisa que lhe venha à mente a leitura, ela definitivamente terá motivação para ler e escrever, desde cedo. Sendo capaz de refletir sobre as características dos diferentes textos a que têm acesso.

Segundo Soares (2011), o termo alfabetização é uma tentativa de tradução Inglês Literacy, que significa "o estado ou a condição de se fazer usos sociais da leitura e da escrita". Alfabetização é diferente de letramento, que é o processo formal de instrução de leitura e escrita.

Lira (2006) citou Kleiman dizendo que:

O letramento ocasiona mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas a partir da inserção dos indivíduos nas sociedades tecnológicas e, por isso, mesmo o analfabeto poderá ser letrado de acordo com seu convívio social.

Portanto, o letramento vai além do mundo da escrita. Letramento é "um conjunto de práticas que expressam a capacidade de usar diferentes tipos de materiais escritos" (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 7). Ou seja, letrar não é apenas saber ler e escrever, saber o que ler e escrever. Desta forma relacionam-se com o contexto social, sua vivência cotidiana.

RELAÇÃO ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O processo de ensino e aprendizagem da alfabetização deve ser organizado de forma ordenada. Que a leitura e a escrita sejam autênticas, naturais, significativa e coerente com a vida diária da criança. A alfabetização é sobre o objetivo de criar situações

nas quais as crianças percebam seu próprio desenvolvimento e venham ganhando autonomia e tornando-se um ser crítico e entendendo seus direitos.

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social (CARVALHO, 2010, p.66).

A alfabetização é mais do que codificar e decodificar códigos alfabéticos porque, a alfabetização se soma ao letramento, o que os educadores precisam saber ao intervir no momento certo para expressar a leitura e a produção de texto adequada para que os alunos progridam, pois esta é uma fase libertadora, ganhando a escrita, que não pode ser entendida como um recurso memorial, a alfabetização é dá aos alunos a oportunidade de se expressarem e construírem seu próprio conhecimento.

Hoje, os grandes objetivos da Educação são: ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser, ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento. Para atingir esses objetivos, o trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento. O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia (FERNANDES, 2010, p.19).

Alfabetização e letramento apresentam uma forte relação, como um complemento dependente uma da outra, as duas ações são diferentes, mas não funcionam separadamente, não se pode ler sem escrever, de preferência alfabeticamente, ou seja, ensinar ler e escrever de tal forma que as crianças possam ler e escrever, além de saber interpretar o que lê.

Segundo Rios e Libânio (2009, p. 33), “a alfabetização e o letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”. O conceito de letramento começa a se expandir após a alfabetização, onde é simplesmente reduzido a decodificação, e assim se ensinando a ler e escrever. Sabemos o quanto é importante ensinar a ler e escrever porque o sistema alfabético é necessário que os indivíduos entrem no mundo da leitura e da escrita. A alfabetização é valorizada ligando-se ao letramento.

O letramento começa quando a criança inicia na literatura, no momento em que convive com alguém que usa a linguagem escrita, vive em um ambiente cercado de material escrito. Dessa forma, ela compreende e reconhece exercícios de leitura e escrita.

E a alfabetização, por sua vez, começa com a criação hábitos e práticas específicos quando a criança começa a escola.

Se as crianças crescem em comunidades iletradas e a escola não as introduz na linguagem escrita (em toda a sua complexidade), talvez cheguem a atingir esses “mínimos de alfabetização”, que lhes permitam seguir instruções escritas e aumentar a sua produtividade em uma fábrica, contudo não teremos de formar cidadãos para este presente nem para o futuro próximo. Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de “dizer por escrito” esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta (FERREIRO, 2004, p. 54).

Quando as crianças têm a oportunidade de viver com leitura com frequência, contar histórias, possuir revistas, livros, um ambiente onde as crianças podem se envolver com a alfabetização. A relação entre alfabetização e letramento acontece à medida que entendemos que uma pessoa alfabetizada é alguém que aprende a escrever o alfabeto e tem habilidades de leitura e escrita, a sequência, a alfabetização é uma continuação do saber ler e escrever, sendo relevante e experiente na prática social.

ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO

Considerar a linguagem e a alfabetização como desenvolvimentistas é realmente fundamental.

A alfabetização pode ser vista como dependente da instrução, com o corolário de que a qualidade da instrução é fundamental. Essa visão enfatiza a natureza desenvolvimental da alfabetização – a passagem das crianças por estágios sucessivos de alfabetização, em cada uma das quais as tarefas de leitura e escrita mudam qualitativamente e o papel do instrutor tem que mudar de acordo. (CHALL, 1996 *apud* SNOW, 2004).

Colocando ênfase em uma abordagem de desenvolvimento pensando na longa jornada de aquisição de habilidades ricas que preparam os alunos “para entrar na idade adulta com as habilidades necessárias para participar plenamente de uma sociedade democrática.” (GAMBRELL; MALLOY; MAZZONI, 2011, p. 18). A criança (ou aprendiz emergente) não se depara com a perspectiva de desenvolver habilidades tão complexas desde o início. Deve haver uma dimensão progressiva e temporal para esta aprendizagem, onde a criança é apoiada por outros para desenvolver habilidades

fundamentais que levam a competências que levam ao domínio que leva a outras práticas disciplinares.

Uma perspectiva de desenvolvimento é aquela que reconhece o

Inacabamento da condição humana. É nessa consciência que reside a própria possibilidade de aprender, de ser educado... Esse movimento permanente de busca cria uma capacidade de aprender não apenas para se adaptar ao mundo, mas principalmente para intervir, recriar e transformá-lo (FREIRE, 1998, p. 66).

Sendo assim, será usado os seis estágios de desenvolvimento da leitura de Chall (1996) como uma estrutura, que explica o desenvolvimento da leitura desde o nascimento até a idade adulta. O tempo de vida desses aprendizes é dividido em seis estágios, que serão apresentados a seguir.

No Estágio 0 (pré-leitura), normalmente entre os 6 meses e os 6 anos de idade, a criança finge ler, desenvolve gradualmente a capacidade de recontar histórias ao olhar para as páginas dos livros lidos anteriormente para ela. A criança ganha a habilidade de nomear letras do alfabeto, imprime o próprio nome e brinca com livros, lápis e papel. Aos seis anos, a criança pode entender milhares de palavras, mas pode ler poucas (se houver). Nesta fase, os adultos são incentivados a orientar as tentativas de linguagem da criança por meio de conversas paralelas, expandindo as verbalizações e reformulando as verbalizações da criança. Os adultos estão incentivando as crianças a usarem combinações de duas a três palavras em contextos sociais, e os adultos devem implementar a leitura dialógica ou a leitura compartilhada eficaz para crianças de 2 a 5 anos. Qualquer instrução (fonética, vocabulário) deve estar ligada à leitura do livro, e tais livros devem incluir rima, aliteração e frases repetitivas. Em seu ambiente, os adultos devem rotular verbalmente os objetos com os quais as crianças estão envolvidas e encorajá-las a fazer perguntas e elaborar observações (WESTBERG, et al., 2006).

No Estágio 1 (leitura inicial, escrita e decodificação), normalmente entre as idades de 6 e 7 anos, a criança está aprendendo a relação entre letras e sons e entre palavras impressas e faladas. A criança é capaz de ler textos simples contendo palavras de alta frequência e palavras fonicamente regulares, e usa habilidades e insights para “sonar” novas palavras. Em relação à escrita, a criança está passando de rabiscos para rabiscos controlados para sequências de letras não fonéticas. Os adultos estão incentivando a

criança a escrever sobre palavras conhecidas e usar grafias inventadas para incentivar a escrita inicial, que pode ser estendida por meio de desempenho assistido.

Nesta etapa, os principais objetivos são desenvolver ainda mais a consciência fonológica das crianças, o conhecimento das letras e os sons e a capacidade de manipular fonemas e sílabas (segmentação e combinação). Essas habilidades devem ser ensinadas no contexto da impressão, e as crianças devem ter amplas oportunidades de manipular, rastrear e ouvir os sons das letras. Os professores e os pais devem garantir que as crianças tenham ampla oportunidade de aplicar práticas e estratégias. (WESTBERG, et al., 2006)

No Estágio 2 (confirmação e fluência), normalmente entre as idades de 7 e 8 anos, a criança pode ler histórias e seleções simples e familiares com fluência crescente. Isso é feito consolidando os elementos básicos de decodificação, vocabulário visual e contexto de significado na leitura de tópicos comuns. As habilidades do aluno são estendidas por meio de leituras guiadas em voz alta de textos mais complexos. Nesse estágio, os adultos devem fornecer instruções que incluam leitura oral repetida e monitorada. Os professores e os pais devem modelar a leitura fluente para os alunos lendo em voz alta diariamente e pedindo aos alunos que leiam o texto em voz alta. É importante começar com textos relativamente curtos e que contenham palavras que os alunos possam decodificar com sucesso. Essa prática deve incluir uma variedade de textos, como histórias, não ficção e poesia, e deve usar uma variedade de maneiras de praticar a leitura oral, como leitura aluno-adulto, leitura coral (ou uníssono), leitura assistida por fita, leitura em parceiro (ou amigo) e teatro do leitor (WESTBERG, et al., 2006).

No Estágio 3 (lendo para aprender o novo), tipicamente desenvolvida entre as idades de 9 e 13 anos, a leitura é usada para aprender novas ideias, adquirir novos conhecimentos, experimentar novos sentimentos, aprender novas atitudes, geralmente a partir de um ou dois pontos de vista. Há uma ênfase significativa colocada na leitura para aprender e na escrita para diversos fins. Há tempo gasto equilibrando a consolidação de habilidades restritas (ortografia, gramática, fluência), proporcionando amplas oportunidades para explorar tópicos através da leitura, escrita, fala, audição e visualização.

A essa altura, o aluno já passou para um estágio em que se espera que ele aprenda com a leitura. Os adultos devem ensinar estratégias de compreensão específicas, como

monitoramento da compreensão, uso de organizadores gráficos e semânticos, responder perguntas, gerar perguntas, reconhecer estruturas textuais, resumir, e identificar ideias principais e detalhes importantes. As estratégias de compreensão podem ser ensinadas por meio de explicação direta, modelagem, prática guiada e aplicação. Os alunos se beneficiam da aprendizagem cooperativa e os alunos devem ser incentivados a coordenar e ajustar várias estratégias para auxiliar a compreensão. Nesta fase, os alunos devem ser incentivados a usar uma variedade de ferramentas para aprender novas palavras, como dicionários, tesouros, guias de referência, partes de palavras (prefixos, palavras de base etc.) e pistas contextuais (WESTBERG, et al., 2006).

No penúltimo Estágio 4 (sintetizando informações e aplicando múltiplas perspectivas), geralmente entre 14 e 17 anos, os alunos estão lendo amplamente de uma ampla gama de materiais complexos, tanto expositivos quanto narrativos, e são solicitados a aplicar uma variedade de pontos de vista. Os alunos são obrigados a acessar, reter, criticar e aplicar conhecimentos e conceitos. Os alunos estão a consolidar estratégias gerais de leitura, escrita e aprendizagem, ao mesmo tempo que são obrigados a desenvolver conhecimentos e perspectivas disciplinares mais sofisticados. Esses aprendizes adolescentes merecem professores da área de conteúdo que forneçam instruções nas múltiplas estratégias de alfabetização necessárias para atender às demandas da disciplina específica.

Nessas áreas, os adolescentes merecem acesso e instrução com fontes impressas multimodais e tradicionais. A instrução eficaz inclui amplas oportunidades para discutir o conteúdo disciplinar e explorar como essas disciplinas se aplicam ao mundo fora dos muros da escola. Os adultos devem incentivar os alunos a refinarem o interesse, buscar áreas de especialização e desenvolver os letramentos que refletem os próximos anos em contextos pós-escolares ().

No estágio final 5 (alfabetização crítica no trabalho e na sociedade) , a leitura é usada para as próprias necessidades e propósitos (profissionais e pessoais). A leitura serve para integrar o conhecimento de um com o de outros para sintetizar informações e criar novos conhecimentos. A leitura e a escrita são propositais, estratégicas, muitas vezes especializadas e ancoradas. A "alfabetização" estratifica muito na idade adulta, uma vez que nossos hábitos de leitura e escrita são moldados por fatores educacionais, culturais e

de emprego que se tornam cada vez mais diversos no cenário pós-escolar. Em ambientes profissionais e especializados, os indivíduos são obrigados a sintetizar informações de diversas fontes para formar conclusões, moldar as visões do público e navegar por vários pontos de vista (ou perspectivas).

Através dos estágios de desenvolvimento, o papel do professor é organizar tarefas e atividades de tal forma que os alunos estejam se desenvolvendo (VERHOEVEN; SNOW, 2001).

O QUE SIGNIFICA ALFABETIZAR LETRANDO?

Alfabetização por letramento é ensinar a ler e escrever no contexto da prática social, ler e escrever, portanto, os alunos devem ser alfabetizados e letrados. A linguagem é um fenômeno social que emerge das perspectivas culturais e sociais. O desafio da alfabetização é escrever em ordem alfabética.

Os alfabetizadores precisam compreender a alfabetização é um processo complexo que começa com a alfabetização escolar e enfatiza seu uso social. Ou seja, para um sujeito ser considerado alfabetizado, não é necessário ter frequentado escola, sendo uma pessoa que sabe ler e escrever, basta praticar a leitura em seu mundo participando ativamente da vida cotidiana da comunidade.

As escolas são apenas uma das instituições de alfabetização, mas o letramento é como prática social se adquire na rua, em outros ambientes sociais, trabalhando na família, na igreja. Através do conhecimento adquirido, o conhecimento duramente conquistado deve ser mantido, então o mediador adaptou a linguagem escrita, sem descuidar do conhecimento do mundo que conquistaram.

Os professores querem que os alunos sejam o corpo principal de sua aprendizagem, as crianças aprendem refletindo e construindo compreensão, mas fazendo sugestões todos os dias, além de tarefas essencialmente mecânicas, como copiar e conectar sílabas. No entanto, esta compreensão deve ser vista como essencial para o aluno, em compreensão satisfatória do mundo em que vivemos.

Ao aprender a ler e escrever, os alunos codificam e decodificam usando métodos de alfabetização e só então são disponibilizadas atividades de leitura e escrita de textos. Atualmente, o processo de alfabetização somente se concretiza se o educador também inserir o letramento de ensinar e aprender, ou seja, propor um conjunto de práticas para construção do conhecimento significa usar diferentes tipos de competências, materiais escritos, exercícios de reflexão e habilidades de escrita.

Nesse sentido, a alfabetização não precede o letramento, e ambos os processos podem ser considerados simultaneamente. Os conceitos de alfabetização incluem o letramento e vice-versa.

Para alfabetizar letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, como escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondências escolares), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social (CARVALHO, 2011, p.69).

Sabemos que, para alfabetizar, os professores devem ser destinados ao buscar, é necessário que os professores aproveitem ao máximo a experiência dos alunos, além da conscientização para melhor auxiliar os alunos no processo de alfabetização e letramento. Quando o professor compreende o universo de seus alunos e aplica todos os seus conhecimentos e a sabedoria são baseados na realidade, e a prática escolar ajuda os alunos, os alunos refletem enquanto aprendem a descobrir a alegria e o ganho de experimentar. Da mesma forma, ao aprender o sistema de escrita, considerado um meio de exercício da leitura e da escrita para cidadãos alfabetizados.

Não podemos negar que a prática de ensino corresponde à prática específica de leitura e escrita: Os alunos leem textos “cartilhados”, vinculados aos fonemas ou as sílabas que estão estudando, textos que só são lidos/ escrito na escola para cumprir as funções sociais às quais se destinam aprendizagem da leitura e da escrita (SOARES, 1998, p. 23).

Os professores devem incentivar os alunos a desenvolverem habilidades nas diferentes áreas do aprendizado, para assim, refletir sobre a relação entre as partes oral e escrita. A ação pode ocorrer dentro da escola e deve facilitar a compreensão do lado do aluno, todos vivenciam suas atividades sociais para facilitar o acesso de ler e escrever, sendo que os mesmos são direitos civis e uma função do sistema escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que, para educar, os professores devem passar por desafios diários, um dos quais é ter que manter o foco de todos. Cada aluno requer uma atenção diferente no processo de aprendizagem, é preciso pode identificar sua evolução ou alguma dificuldade presente.

A investigação sobre este tema permite-nos rever a importância da alfabetização e letramento, pois a alfabetização ajuda a desenvolver a compreensão individual, aprender a ler entendendo o que você lê é construir seu próprio conhecimento, então a alfabetização é parte fundamental de quem trabalha com pessoas.

Portanto, podemos dizer que uma pessoa alfabetizada é uma pessoa que não é mais passiva, sendo proativo e restaurando a expressão, compreensão e mais fácil de ver o problema, passo a passo para se tornar uma presença nos deveres críticos e conhecedores.

Por fim, acreditamos que é possível alcançar qualidade na educação, por meio de aulas que promovem a alfabetização, usando diferentes práticas educativas, afim de proporcionar o desenvolvimento da alfabetização e desenvolver o letramento de cada disciplina através da qual ele pode se tornar um autor da sua vida e de transformação na sociedade.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar:** um diálogo entre a teoria e a prática. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CHALL, J. S. Etapas do desenvolvimento da leitura (2ª ed.). Fort Worth: **Harcourt Brace Jovanovic College Publishers**. 1996.
- FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: cortez, 2004.
- FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes médica sul, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da liberdade:** ética, democracia e coragem cívica. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 1998.

GAMBRELL, L.; MALLOY, J.; MAZZONI, S. MELHORES práticas baseadas em evidências na instrução abrangente de alfabetização. Em L. Morrow e L. Gambrell (Eds.) *Melhores práticas em instrução de alfabetização* (4ª edição). (págs. 11-36). Nova York: **The Guilford Press**. 2011.

LIRA, Bruno Carneiro. **Alfabetizar letrando**: uma experiência na Pastoral da Criança. São Paulo: Paulinas, 2006.

LONSDALE, M.; MCCURRY, D. Alfabetização no novo milênio. Canberra City, ACT: **Conselho Australiano para Pesquisa Educacional**; O Centro Nacional de Pesquisa em Educação Profissional; Projeto Nacional de Alfabetização de Adultos da Autoridade Nacional de Treinamento da Austrália, Departamento de Educação, Ciência e Treinamento da Commonwealth, 2004.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. **Construir Notícias**. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

PAPEN, U. **Alfabetização de adultos como prática social**. Londres: Routledge, 2005a

RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Márcia. **Da escola para casa**: alfabetização. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SANTOS, Ana Claudia Siqueira et al. **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DOIS CONCEITOS, UM PROCESSO**. 2016. Disponível em: < <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SNOW, C. E. **Expectativas não cumpridas**: influências do lar e da escola na alfabetização. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

STREET, B. **Literalidade em teoria e prática**. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2006.

VERHOEVEN, L.; SNOW, C. Alfabetização e motivação: unindo pontos de vista cognitivos e socioculturais. Em L. Verhoeven & C. Snow (Eds.), *Alfabetização e motivação: envolvimento da leitura em indivíduos e grupos* (pp. 1 – 22). Nova Jersey: **Lawrence Erlbaum Associates**, 2001.

WESTBERG, L. et al. **Verizon Life Span Literacy Matrix**: Resultados Relevantes, Medidas e Práticas e Estratégias Baseadas em Pesquisa. Washington DC. 2006.

Submissão: agosto de 2023. Aceite: setembro de 2023. Publicação: janeiro de 2024.